

UNIVERSIDADE E INSTRUMENTALIZAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA

UNIVERSITY AND INSTRUMENTALIZATION: NOTES ON HUMAN FORMATION

SANTOS, Luiza Rodrigues dos.

BARCELOS, Simone de Magalhães Vieira.

ALMEIDA, Liliane Barros de.

Resumo: O presente artigo busca pensar a gênese da universidade, e tem por objetivo compreender sua historicidade, o modelo de formação humana dos gregos e dos medievos, sobretudo, refletir sobre a educação superior contemporânea. É fundamentado por pesquisa bibliográfica, cujos principais autores são: Ullmann; Bohnen (1994), Verger (1999), Carneiro (2002), Almeida (2013) e Coêlho (2016 e 2008). Este estudo retomou, ainda que de forma breve, a gênese e os fundamentos da universidade na Idade Média, reflete, ainda, sobre os modelos alemão e norte-americano, sendo que o primeiro considera a pesquisa como elemento basilar de constituição da universidade, enquanto o segundo se impõe como universidade moderna, visto que a sua materialização a tem confirmado como organização a serviço do mercado empresarial no campo da educação. Desse modo, infere-se que o ideal de formação humana é aquele em que predomina a cultura, o humanismo e a criticidade, sobremaneira nele, deve acentuar-se a formação de sujeitos de saber, preocupados com os interesses coletivos e que venham a contribuir com a elevação da sociedade.

Palavras-chave: Universidade. Saber. Instrumentalização. Formação Humana.

Abstract: This article talk about the genesis of the university, and research understand its historicity, the model of human education of the greeks and the medieval, and, especially, to reflect on contemporary higher education. It is based on bibliographic research, whose main authors are: Ullmann; Bohnen (1994), Verger (1999), Carneiro (2002), Almeida (2013) and Coêlho (2016 and 2008). This research resumed, briefly, the genesis and foundations of the university in the Middle Ages, and also reflects on the German and North American models, with the former considering research as a basic element of university constitution, while the latter imposes itself as a modern university, since its materialization has confirmed it as an organization at the service of the business market in the field of education. In this way, it is inferred that the ideal of human education is the one in which culture, humanism and criticality predominates, and, mainly, the education of subjects of knowledge, concerned with the collective interests and that will contribute to the elevation of society.

Keywords: University. Know. Instrumentation. Human Formation.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202213

INTRODUÇÃO

Desde a sua origem a universidade é reconhecida como uma das instituições mais profícuas e inéditas da civilização medieva. Vale lembrar que a universidade foi o primeiro espaço do saber universal, construído há vários séculos, sendo este local universalizante no que se refere ao conhecimento e no quanto preza a integração das pessoas e que também tracejou identidades sociais e científicas.

Nesses termos, por meio do decurso de sua história, poderemos refletir quanto a universidade da atualidade e, ainda, sobre o seu futuro. Afinal, como assevera Ullmann e Bohnen (1994, p. 296), ela pode inspirar e iluminar o nosso caminhar e agir como civilização, “[...] a quem insistir em que a Idade Média representa uma longa noite, deve responder-se que foi uma noite iluminada com muitas luzes e estrelas. E uma das luzes mais fulgurantes acendidas pelo medievo é, sem dúvida, a universidade”.

Considerando esse contexto, o presente artigo objetiva compreender a historicidade da universidade, o modelo de formação humana dos gregos e dos medievos, sobretudo, refletir sobre a educação superior que temos na atualidade, e ainda, indagar em que medida a universidade moderna tem sido lócus do conhecimento?

Para alcançar tal feito este estudo fundamentou-se em pesquisa bibliográfica considerando estudos que tratam do tema, dentre eles: Ullmann e Bohnen (1994), Verger (1999), Carneiro (2002), Almeida (2013) e Coêlho (2016; 2008).

No primeiro momento traremos algumas considerações históricas que tratam da Idade Média elucidando mudanças nas dimensões política, social, econômica, transformações que consequentemente ocasionaram novos moldes de pensamento intelectual, demarcando modificações na educação e, desta feita, consubstanciando na origem da universidade. Além disso, busca-se pôr em questão a natureza da universidade medieva e sua constituição na qualidade de Instituição social autônoma e como lócus do saber.

No segundo momento há o debate relativo à natureza da universidade moderna, sua relação com o Estado e os modelos universitários humboldtiano e anglo-saxão. E mais, ponderaremos questões que permeiam a concepção de universidade que possui caráter instrumental no sentido de responder às demandas do capital de forma a fragmentar e reduzir o conhecimento a mera informação e instrumentalização. Considerando que um estudo sobre a

universidade, enquanto instituição, constitui uma forma de entendermos a construção e difusão do conhecimento e sobre os ataques que esta instituição vem sofrendo com o intuito de afastá-la daquilo que é fundante em sua gênese e existência.

Desenvolvimento

A abundante historiografia da gênese do tema “universidade” remonta sobre as primícias dessa original e fecunda instituição, portanto, nesse primeiro momento, embasar-nos-emos nos autores Ullmann; Bohnen (1994), Verger (1999), Coêlho (2008), Oliveira (2007) e Almeida (2013), para, a partir de então, buscarmos compreender suas origens por meio de uma breve análise de seu passado e constituição.

A Idade Média foi demarcada por profundas transformações políticas, sociais e econômicas que também alteraram o modo de pensar da época. Além do mais, a expansão da atividade agrícola ocorreu um crescimento da ocupação demográfica, ocasionando uma transformação econômica e social, movimentos estes relevantes para o desenvolvimento intelectual. “Essa mobilidade levou também a uma maior movimentação geográfica do homem e das ideias, ampliando o espaço ocidental e, com isso a circulação do saber” (ALMEIDA, 2013, p. 35).

As mudanças que aconteceram na sociedade medieval greco-romana, a exemplo, demandaram transformações na educação e nas instituições que deixaram de ser exclusivamente designadas à formação eclesiástica. A fé e a igreja estavam diretamente ligadas à educação. Naquele contexto as práticas educativas eram indicadas pela Igreja sob vigilância da realeza e da autoridade política das cidades, quanto ao saber que deveria ser ensinado. Entretanto, ainda assim, a instrução das pessoas era valorada na finalidade de atender as demandas da Igreja, pois, dessa forma, garantiriam a manutenção e o propício funcionamento da estrutura social.

Demarcadas pela forte presença do cristianismo ortodoxo, de acordo com Almeida (2013), as escolas monacais, as presbiterais, as episcopais e as palatinas, representaram o nascedouro das primeiras universidades. As escolas monacais voltavam-se para a vida religiosa e conseqüentemente para uma concepção espiritual, as presbiterais e as episcopais destinavam-se à formação de padres, dos meninos com vocação sacerdotal. Enquanto isso, a escola palatina

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202213

centralizava-se na instrução dos nobres, reservada ao ensino da administração e da arte da guerra.

Contrariando os interesses políticos e econômicos a universidade rompe com o controle do clero e se estabelece como instituição provedora do debate e do pensamento intelectual, momento no qual surgem mestres e alunos de diversos lugares. Oriundas de importantes escolas do fim do século XII e início do XIII surgem as primeiras universidades no Ocidente Medieval, (por volta do ano de 1200). Dessarte, “[...] a universidade se afirma como instituição social por excelência do trabalho intelectual, da investigação e da formação” (COELHO, 2008, p. 13).

A universidade nasce como lugar do pensamento intelectual, livre, desinteressado e laico. Entretanto, percebendo que a universidade poderia ser fecunda para a formação de homens cultos a serviço do príncipe (poder político) e da Igreja, ela toma outras direções, sobrevém a *universitas magistrorum et scholarium* (corporação de mestres e discípulos), posteriormente nomeada simplesmente de *Universitas*.

Primariamente a *universitas*, não era definida pelas disciplinas estudadas e, sim, como argumentam Ullmann e Bohnen (1994), pelo conjunto das escolas, pelos grupos de mestres e alunos, e suas afinidades de estudos. Tais afinidades formavam, em segundo plano, as faculdades de artes, filosofia, teologia, direito e medicina. A universidade de Bolonha, na Itália, exemplificando, originou-se de uma associação de estudantes que pagavam professores específicos para ministrarem seus conhecimentos. A universidade de Paris, surgiu da associação de professores que cobravam taxas dos estudantes e destinavam à construção desta instituição. Isto é, a universidade nasce como instituição paga e privada.

Destaca-se, o valoroso trabalho dos monges ao preservarem a literatura clássica, por meio do exercício de copistas, ao assumirem a responsabilidade de criar volumes extras de livros que compunham seu acervo para que estes formassem bibliotecas, fonte do pensamento filosófico e da cultura erudita - gramática, lógica, filosofia, direito e teologia -, de modo que estas obras passaram a ocupar importante posição na vida intelectual dos mestres e estudantes da época. Verger (1999) afirma que esses intelectuais eram conhecidos como homens do saber, dos livros e da escrita, destacados socialmente pela competência na leitura e no manuseio

correto dos livros, de maneira a serem percebidos e ocuparem posição de poder, justificando seu papel social, suas opiniões e até mesmo decisões.

É perceptível, nesse período, uma profunda transição da concepção e transformação nas ideias da sociedade, como enuncia Oliveira (2007), pois, até então a Igreja indicava o caminho para o conhecimento. No entanto, com o surgimento das universidades, esse percurso toma novos rumos a exemplo da mútua relação entre a fé e a razão, num mesmo sistema de ideias, sucedendo no século XIII o florescimento do método da Escolástica¹, de inegável importância para exprimir clareza, lógica e rigor aos conceitos. Nesse contexto a universidade medieval destaca-se em seu caráter originário, como locus de produção do saber, da ciência, da cultura, do questionamento, do desenvolvimento intelectual, sobretudo, aberta ao debate e alerta às questões que envolviam a sociedade.

A universidade medieval estava aberta ao saber, à discussão, atenta às mudanças e questões sociais. Essa instituição renova e é renovada pela sociedade em que está inserida. Sua magnitude estava em difundir a cultura para além de seus muros, sendo ao mesmo tempo celeiro da ciência que produzia. Constitui-se como espaço de socialização e de descoberta, de aprendizagem pelos exercícios e métodos rigorosos em que muito se valorizava a busca do saber e da verdade (ALMEIDA, 2013, p. 42).

As primeiras universidades surgiram em Bolonha e em Paris, e, ainda, em Montpellier e Oxford nos anos iniciais do século XIII, provenientes de escolas já existentes. Constituídas como organismos autônomos e de natureza corporativa, essas instituições gozavam do direito de decidir sobre suas próprias regras de conduta, elaborar seu estatuto, enfim, serem reconhecidas como autoridade pelas entidades eclesiástica e laica, como referência de ensino e renovação do saber, delineada pela filosofia aristotélica.

Os homens de saber passaram a desempenhar atividades relevantes na comunidade, ora a serviço do papa, ora a serviço do príncipe, ou seja, essa aproximação com os poderes,

¹ “Em sentido real, deparamos com dificuldade para definir o conteúdo doutrinal da Escolástica. Pode, no entanto, dizer-se que é um estudo filosófico e teológico, numa grande síntese do patrimônio comum do pensamento humano, orientado pelo conhecimento que provenha da experiência sensível (ciência), quer se origine da reflexão (filosofia), quer se valha da Revelação divina (teologia). Foi Tomás de Aquino quem realizou, admiravelmente, a integração desses três conhecimentos. Nisso cifra-se uma das grandezas do medievo. Filosofia e teologia, fé e razão, *ratio* e *auctoritas* harmonizavam-se e conviviam sem problemas.” (ULLMANN; BOHNEN, 1994, p. 44). No método escolástico, “[...] o mestre ou o *lector* lia, em aula, e interpretava, sistematicamente, uma obra de filosofia, teologia, direito ou medicina, de acordo com a *facultas*.” (ULLMANN; BOHNEN, 1994, p. 45).

promovia os intelectuais a importantes posições dentro da política e da cultura no seio da sociedade. Assentados no conhecimento racional, os homens questionavam ou respaldavam os antigos conhecimentos sagrados ou filosóficos, o que lhes permitiam participação política, científica e cultural, conferindo expressividade ao desenvolvimento do pensamento. Assim, “[...] a universidade parisiense se torna não apenas um exemplo, mas espaço para formar um novo profissional, o profissional da cultura, cujo trabalho é o estudo, a ciência, o saber” (OLIVEIRA, 2007, p. 124). Ademais, ressalta a originalidade da universidade quanto ao seu papel político-cultural e, assim, pela primeira vez, é fundada uma instituição voltada para a dedicação ao estudo, designada somente ao ofício do saber. Sem dúvida a universidade foi a grande inovação da sociedade medieval.

De modo efetivo a época mediévia foi uma parte fecunda da história para a concepção do futuro da sociedade moderna. Estudos ancorados na história e sua busca ininterrupta pela aspiração da primazia do saber demonstram o solo fértil germinado e frutificado durante a Idade Média, quanto as suas contribuições para a educação da humanidade, conforme argumentam Ullmann e Bohnen (1994), uma vez que até o período do Renascimento compreendeu um amplo processo de conservação, recuperação, reincorporação e assimilação dos valores culturais, políticos, jurídicos, literários, artísticos, sociais e filosóficos, legados da Grécia e de Roma.

A breve retomada historiográfica da universidade medievla, nos instiga a pensarmos sobre a natureza da universidade que temos na contemporaneidade. Nesse segundo momento utilizaremos os autores Carneiro (2002), Chauí (2003) e Coêlho (2016) para dialogarmos a respeito da universidade moderna.

Ao longo do século XX e início do XXI, a universidade, em nível internacional, passa por alterações significativas no concernente a sua concepção, sobretudo no que se refere ao crescente abandono do trabalho do pensamento, da reflexão e do humanismo. Houve uma valorização e ênfase na prática, no conhecimento especializado como instrumento de produção e reprodução do capital para o mercado de trabalho, eivada pela fragmentação do saber.

Desde seu surgimento a universidade pública configura-se fundamentalmente como instituição social, portanto, expressão da sociedade que a representa, de atitudes e opiniões divididas e conflitantes. Sua prática social lhe confere legitimidade e autonomia perante as

demais instituições que compõem a sociedade, de modo a ser engendrada por normas, regras e valores dando-lhe o devido galardão. Marilena Chauí é categórica quando se refere à universidade moderna e seu princípio básico de democracia:

A partir das revoluções sociais do século XX e com as lutas sociais e políticas desencadeadas a partir delas, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como constitutivas da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com que, além da vocação republicana, a universidade se tornasse também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber: seja para realizar essa ideia, seja para opor-se a ela, no correr do século XX a instituição universitária não pôde furtar-se à referência à democracia como uma ideia reguladora (CHAUÍ, 2003, p. 5).

Nesse sentido, após a Revolução Francesa, temos a concepção de uma universidade republicana, portanto, pública e laica, autônoma, organizada pela sua própria lógica. Em contrapartida, disputada por uma sociedade de classes, cujas contradições e desigualdades levaram a universidade a assumir uma postura que se aproximasse do princípio de uma sociedade justa e igualitária. Ademais, a relação entre universidade e Estado não pode ser tomada de forma adversa, pois seu caráter republicano lhe confere presença ou ausência de democracia e, nesse aspecto, só é possível conceber a universidade como instituição social e autônoma a partir de um Estado republicano e democrático.

Na Europa, devido a necessidade do processo de consolidação nacional e desenvolvimento econômico, nasce a universidade de caráter privado, “[...] marca muito forte dos sistemas universitários que se constituem como centros estratégicos de consolidação de projetos nacionais” (CARNEIRO, 2002, p.362), modelo visível na Europa do século XIX, que combinou formação profissional com a formação humanista nas universidades como viabilização para o desenvolvimento nacional.

Evidencia-se contemporaneamente, sobretudo, o modelo alemão de universidade do filósofo Alexander von Humboldt [1769-1859] que compreende a pesquisa como eixo central de constituição das universidades, fundamentada no cultivo da dúvida, da interrogação, da indagação, cuja produção do conhecimento deve acontecer no espaço público. A ideia de que o ensino só pode ocorrer concomitantemente com a pesquisa, portanto, pressupõe que é necessário aprender a perguntar e interrogar no espaço público da universidade, reconhecendo a capacidade crítica como elemento estruturante do próprio ato de conhecer.

Na contramão do exposto, segue a concepção anglo-saxã de universidade baseada na experiência norte-americana do conteúdo utilitário e produtivista do conhecimento correspondente ao modelo humboldtiano. Como argumenta Carneiro (2002), experiências dessa natureza, amesquinham os fundamentos humanistas da universidade. “A educação profissional, na verdade, atrofia a formação humanista nos valores e nas ideias, pois o que predomina nesse modelo são as ideias de eficácia, de produtividade e de atendimento imediato às necessidades de mercado” (CARNEIRO, 2002, p. 363) e este projeto de formação supõe a negação daquilo que constitui a gênese e natureza da universidade.

A ideologia neoliberal e as políticas elaboradas em sua grande parte por corporações internacionais têm sido determinantes no que se refere as práticas de governo, especialmente em países subdesenvolvidos, como asseveram Dardot e Laval (2016). Assim como discute Coêlho (2016), as reformas e suas propostas insuficientes, inerentes a políticas educacionais, têm tonificado os processos que envolvem as relações mercantis, reduzindo a universidade que é uma instituição social à mera organização onde a gestão, a produtividade, e a tecnociência enreda a universidade em prol dos interesses do capital. Com efeito, tais prerrogativas têm provocado desqualificação e significativa instrumentalidade em todo o sistema de ensino, da educação básica aos programas de pós-graduação.

A palavra *universitas* em seu sentido inicial significa conjunto de pessoas organizadas objetivando um bem em comum, em vista de interesses culturais. Na modernidade, seu significado é ampliado e passa a abarcar todos os campos do conhecimento no nível de educação superior, com o objetivo de preparar estudantes para o exercício de suas carreiras profissionais, um ensino fragmentado que opera num determinado campo do conhecimento. Coêlho (2016) nos alerta no que tange ao novo padrão que vem sendo imposto à universidade, isto é, de um lugar do não-pensamento e domínio da instrumentalidade.

A universidade hoje, em grande parte é definida, administrada e avaliada segundo critérios, normas e padrões de organização, funcionamento e gestão, alheios à natureza, ao sentido e aos fins da vida acadêmica e do trabalho intelectual, ou seja, do ato de buscar, interrogar, pensar, ensinar, compreender, aprender e criar (COÊLHO, 2016, p. 94).

Em outras palavras, para além do atributo de a universidade ter historicamente como premissa transmitir o conhecimento socialmente produzido, pesquisar e produzir conhecimento

novo, atualmente, acrescenta-se a estes as tarefas de trazer inovação, competitividade e produtividade. A universidade cotidianamente vem sendo convidada a modernizar-se, por conseguinte, formar aceleradamente novos profissionais, particularmente na área tecnológica, situação na qual se inclui a transferência de conhecimento especializado prioritariamente ao setor empresarial.

Se há o que resgatar da Idade Média, isto está envolto no desejo inicial da criação das universidades que gira em torno da reconquista de sua autonomia e seus ritos, do princípio ao universal, da dialética, à qual a corporação dos mestres e estudantes se dedicava, fazendo dela parte relevante nos processos do saber. Na atualidade, em boa medida, os anseios da universidade são determinados por um conjunto de propostas preconizadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial (BM), no sentido de esvaziá-la como centros de pesquisa e de conhecimento e transformá-las em espaço de treinadores técnicos para a favor da hegemonia e do crescimento econômico de grandes empresas que disputam o mercado tecnológico.

Em consonância com essa concepção de universidade os países que aderem ao modelo anglo-saxão acabam assumindo posição passiva e subalterna em relação aos países que compõem as maiores potências econômicas do mundo atual, corroborando com as relações desarmônicas que permeiam a política econômica internacional. A perversidade desse processo quando ocorre em países como o Brasil, trava o progresso e tonifica as principais causas e consequências do subdesenvolvimento deste país e de diversos outros, dando robustez à pobreza e à desigualdade social.

Essa transferência do espaço de produção tecnológica das empresas para as universidades, ou por meio de parcerias realizadas entre a universidade e as multinacionais, tem como efeito o abandono do modelo humboldtiano que integra os pilares que regem a missão e o dever da universidade fundamentada no ensino, na pesquisa e na extensão, de modo, a priorizar suas atividades a formação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais processos confluem com a expansão da rede privada de educação superior, entretanto, com características inerentes a essa natureza de ensino, a dissociação da pesquisa,

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202213

da não formação humanista e da dispensabilidade de um projeto emancipatório nacional. De modo que o conhecimento se reduz aos instrumentos da produção capitalista, a uma universidade modernizada e adaptada ao mercado, distante do que se refere às relações humanas, às instituições sociais e políticas, às artes, à cultura, áreas transformadas em triviais acessórios, cujo abandono banaliza o ensinar, o aprender, o pesquisar, deturpando a educação, a escola e a universidade.

As universidades devem afirmar sua base e construir um projeto político-pedagógico fundamentando na gestão democrática, estruturado cotidianamente pela maioria dos participantes, de forma a configurar-se como lócus da cultura, da autonomia, da liberdade, da democracia, cuja sustentação principal deve ser a pesquisa. Espaço no qual seja possível formar pessoas e não apenas profissionais, formação solidificada em sua base mediante o contato com a arte, com o pensamento filosófico, o estudo de obras clássicas das literaturas, em suma, uma universidade que oportunize mais do que condições de ler, escrever ou executar tarefas, isto é, um sujeito capaz refletir, questionar e criar soluções, o que sem dúvidas, seria a melhor das vias para oportunizar a consolidação e o desenvolvimento dos projetos nacionais.

Se a universidade, enquanto instituição social existe há séculos e ainda continua atuante, evidentemente, demonstrando novas características e, de certo modo, prosperando em outro modelo de sociedade, isso se deve ao fato de ela ter feito e permanece fazendo parte da história e do processo civilizatório da humanidade, portanto, continua construindo a identidade dos homens, sujeitos de acepção social, política e humana, o que torna as discussões acerca do caminho que ela vem tomando de suma importância para os dias vindouros.

Desejamos que as reflexões suscitem outros questionamentos em torno da questão da construção do saber, na contramão do projeto de formação em vista da superficialidade e fragmentação apresentada especialmente ao preparo para o mercado de trabalho com a finalidade de ofertar profissionais competitivos aptos ao atendimento de interesses empresariais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liliane Barros de. **A gênese do ensino superior e o sentido da formação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás - Goiânia.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202213

CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. Universidade: espaço de autonomia e de construção do projeto político-pedagógico. **Revista Educativa**. Goiânia, v. 5, n.2, p. 361-367, 2002.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Rev. Bras. de Educ.** Conferência na sessão de abertura da 26ª Reunião Anual da ANPEd. Poços de Caldas, 2003.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Universidade, Cultura, Saber e Formação. *In*: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.); FURTADO, Rita Márcia Magalhães (Org.). **Universidade e Ensino**: treino ou formação? Campinas, SP: Mercado de letras, 2016, p. 87-107.

_____. A gênese da docência universitária. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 26, p. 5-24, 2008.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p.113-129, 2007.

ULLMANN, Reinhold; BOHNEN, Aloysio. **A universidade**: das origens à Renascença. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Trad. Carlota Boto. Bauru-SP: EDUSC, 1999.